

Estudos da Língua(gem)

Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa

Uso de *se* com infinitivo do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos¹

The usage of *se* in infinitival clauses from Classical to European and Brazilian Portuguese

Silvia Regina de Oliveira CAVALCANTE²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

Este artigo traz uma análise diacrônica das construções com SE e verbo no infinitivo associando-a a mudanças paramétricas que ocorreram ao longo da história do português: as mudanças na posição do sujeito e no tipo de SE. O fenômeno, que foi considerado típico de uma gramática brasileira, é na verdade uma construção da gramática do Português Clássico (séculos 16 e 17). As diferenças encontradas entre o comportamento do fenômeno no Português Clássico, Português Europeu (a partir do século 18) e Português Brasileiro (textos de autores brasileiros nascidos a partir do século 19) foram analisadas como resultados de diferentes gramáticas.

¹ Este artigo é resultante da minha tese de doutorado intitulada “O uso de *se* com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos” (CAVALCANTE, 2006).

*Sobre a autora ver página 82.

PALAVRAS-CHAVE

Construções com SE. Mudança linguística. Português Europeu. Português Brasileiro. Português Clássico.

ABSTRACT

This paper brings a diachronic analysis of SE constructions in infinitival clauses, as a result of parametric changes that occurred throughout the history of Portuguese: changes in the subject position and type of SE. The phenomenon, which was considered typical of a Brazilian Grammar, appears as a construction of Classical Portuguese (between 16th and 17th centuries). The observed different patterns of the phenomenon in Classical Portuguese, European Portuguese (from 18th century on) and Brazilian Portuguese (texts written by Brazilian born from the 19th century on) were analyzed as result of different grammars.

KEYWORDS

SE-constructions. Diachronic syntax. Classical Portuguese. European Portuguese. Brazilian Portuguese.

1 Introdução

O fenômeno do SE com infinitivo tem sido observado desde os anos 80, com o trabalho seminal de Galves (1987), e tem sido considerado um fenômeno típico da sintaxe brasileira. Desde então, os vários trabalhos que têm sido desenvolvidos sobre o tema buscam entender o fenômeno como mais um fator de diferenciação entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB) relacionado a diferenças paramétricas existentes entre essas duas gramáticas (NUNES, 1990; CAVALCANTE, 1999; DUARTE; LOPES, 2002).

Este trabalho vai mostrar, entretanto, que o fenômeno não é típico da sintaxe brasileira, ao contrário do que se vem afirmando, mas é um fenômeno da gramática do Português Clássico (PCI) – séculos 16 e 17 – que sofre mudanças para o PE e o PB. De fato, defenderei aqui que o comportamento do fenômeno em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19 é resultado de uma mudança paramétrica que ocorreu entre o PCI e o PE por um lado e o PCI e o PB por outro.

Para tanto, apresento na seção 2, uma descrição do fenômeno na história do português com base em dados oriundos do *Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brabe*, formado por textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19. Na seção 3, apresento uma proposta de análise do fenômeno levando em consideração: (a) as três gramáticas do português; (b) a mudança do SE e a mudança sintática e (c) o lugar da variação, considerando aqui não só os resultados apresentados na seção 2, mas também resultados de pesquisas anteriores sobre o SE no PB, como Cavalcante (1999); Duarte (2002); Duarte e Lopes (2002); Duarte (2008); Cavalcante e Duarte (2009).

2 O SE com infinitivo na história do Português: do Português Clássico ao Português Europeu

Nesta seção, apresento uma descrição diacrônica do fenômeno em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19 que compõem o *Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brabe*³. A análise do fenômeno no *Corpus Tycho Brabe* é motivada dentro do quadro teórico da gramática gerativa, principalmente na Teoria de Princípios e Parâmetros. O objetivo é mostrar evidências de uma mudança paramétrica com base no comportamento do SE junto ao infinitivo. Mais especificamente, tentarei relacionar os resultados encontrados aqui com a proposta de Paixão de Sousa (2004) e Galves e Paixão de Sousa (2005) sobre a mudança na posição do sujeito que ocorre do Português Clássico (séculos 16 e 17) ao Português Europeu (a partir do século 18). Vejamos os resultados empíricos antes de passar à análise.

³ Os autores contemplados: Diogo do Couto – Cou. (1542-1606) *Décadas*; Luis de Sousa – Sou. (1556-1632) *Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*; F. Rodrigues Lobo – Lob. (1579-1621) *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*; Manuel da Costa – Mco. (1601-1667) *Arte de furtar*; Antonio Vieira (1608-1697) *Cartas – Vie-C. e Sermões – Vie-S.*; F. Manuel de Melo – Mel. (1608-1666) *Cartas Familiares*; Antonio das Chagas – Cha. (1631-1682) *Cartas Espirituais*; Manuel Bernardes – Ber. (1644-1700) *Nova Floresta*; J. Cunha Brochado – Bro. (1651-1735) *Cartas*; Maria do Céu – Ceu. (1658-1753) *Relação da Vida e Morte da Serva de Deus a Veneravel Madre Ellena da Cruz*; Andre de Barros – Bar. (1675-1700) *Obra*; Cavaleiro de Oliveira – Cav. (1702-1783) *Cartas*; Matias Aires – Air. (1705-1763) *Reflexão sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a Fortuna*; Antonio Verney – Ver. (1713-1792) *Verdadeiro Método de Estudar*; Antonio da Costa – Aco. (n.1714) *Cartas do Abade Antônio da Costa*; Correia Garção – Gar. (1724-1772) *Obras Completas*; Marquesa D'Alorna – Alo. (1750-1839) *Cartas*; Almeida Garrett – Gt. (1799-1854) *Viagens na Minha Terra*; Ramalho Ortúgio – Ort. (1836-1915) *Cartas a Emilia*. Os textos estão disponíveis em <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>

Foram consideradas as sentenças infinitivas com SE e as sentenças infinitivas de sujeito nulo com referência arbitrária. Considero, além dos fatores extralinguísticos, como autor e data de nascimento, os seguintes fatores: (a) o tipo de oração infinitiva – completiva, relativa e adverbial, segundo Mateus et al. (2003) –; (b) o tipo de verbo: transitivo e não transitivo; (c) o tipo de complementador – preposicional, elemento que complementador nulo – e (d) a posição e realização do argumento interno (nas construções transitivas): anteposto, posposto, topicalizado, relativizado e não realizado foneticamente.

De 1506 sentenças infinitivas do Corpus Tycho Brahe consideradas, 271 (18%) apresentam o SE. O SE aparece junto ao infinitivo desde o primeiro período estudado, século 16, contrariamente aos dados de Nunes (1990), em que o SE com infinitivo só aparece a partir do século 19.

Das sentenças com SE, só foi encontrada uma ocorrência (exemplo 1) de verbo inergativo, todas as outras ocorrências foram com verbos transitivos:

(1) Novos no mundo porém não no amor, esse se manifesta em nós logo no berço; ali mostramos para alguns objectos desagrado, e inclinação para outros; a uns buscamos com riso, e de outros fugimos com medo; uns nos servem de espanto, outros de divertimento choramos por alcançar uns, e também choramos por evitar outros; como se o ódio, e o amor naquela idade não tivessem outro modo de explicar-se, nem soubessem mais idioma o das lágrimas: também não é novo o **chorar-se** de gosto, do mesmo modo com que se chora de pena (M. Aires, n. 1705, V).

O Gráfico 1 mostra a distribuição percentual do SE com infinitivo por autor do Corpus Tycho Brahe, obedecendo à data de nascimento de cada autor. Além disso, o gráfico também traz a linha de tendência de mudança que indica uma diminuição no percentual de SE junto ao infinitivo ao longo do tempo. Até o fim do século 17 (autor André de Barros), a frequência de SE com infinitivo é em média 20%, ao passo que do século 18 (autor Cavaleiro de Oliveira) em diante essa média cai

para em torno de 10%.

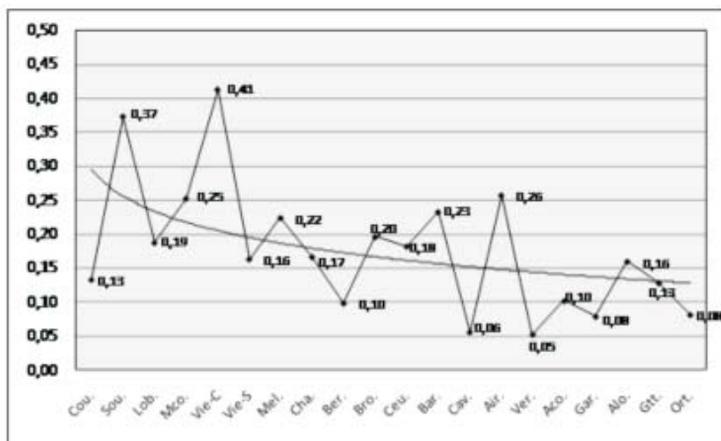


Gráfico 1: Frequência de se com infinitivo nos autores do Corpus Tycho Brahe ao longo do tempo

Um dos contextos sintáticos mais favorecedores para a presença do SE junto ao infinitivo são as orações preposicionadas, como vemos na distribuição dos dados apresentada na Quadro 1:

	1501-1550	1551-1600	1601-1650	1651-1700	1701-1750	1751-1800	1801-1850	Total
Preposicionadas	3/6 0,5	25/50 0,5	66/139 0,47	22/55 0,40	45/191 0,23	9/48 0,18	4/14 0,28	174/503 0,34
Não preposicionadas	3/10 0,3	11/39 0,28	43/195 0,22	13/70 0,18	16/296 0,05	7/42 0,16	4/15 0,26	97/667 0,14
Total	6/16 0,37	36/89 0,40	109/334 0,32	35/95 0,36	61/487 0,12	16/90 0,17	8/29 0,27	271/1170 0,23

Quadro 1: Distribuição de SE junto ao infinitivo por tipo de oração ao longo do tempo

O primeiro fator que destacamos sobre o comportamento do SE por tipo de oração infinitiva é a curva descendente de presença de SE junto ao infinitivo. Até mesmo nos contextos que mais favorecem a presença de SE (as orações preposicionadas), a partir do século 18 existe

uma diminuição no seu percentual. As sentenças não preposicionadas apresentam uma variação estável para a presença de SE. Os exemplos em (2) a seguir ilustram o uso de SE com infinitivo em orações preposicionadas e não preposicionadas:

- (2) a. Põe-se quando a oração já faz algum sentido, mas não o que basta **para se entender** de que se fala, e ainda a primeira proposição espera pela segunda, **para se poder entender**, vg Ainda que eu nam tenha, todo o dinheiro necesario, para a compra; farei o posivel, polo alcansar: para concluir de uma vez, este negocio (Antonio Verney, n. 1713, V).
- b. Destas foi uma a Nação dos Juruunas, que é um dilatado Reino, e se começaram logo a descer alguns, dando esperanças **de se formar** deles uma numerosa Cristandade. (André de Barros, n. 1675, IV)
- c. E sendo bastante razão esta, para eu haver sentido muito a total falta que delas tivemos neste correio, se acrescenta a êste sentimento não **se saber** a causa por que faltaram, que, se bem o senhor Embaixador me assegura de todo desastre, pela experiência que tem de tantos anos, eu me não livrarei do cuidado até o correio seguinte. (Vieira, Cartas, n. 1608, III)

Note-se que esses contextos foram na sua maioria contextos regidos por preposição. Tais resultados demonstram que a preposição tem favorecido a inserção de SE junto ao infinitivo desde, pelo menos, o século 16, início da nossa amostra. Os trabalhos de Cavalcante (1999), Duarte (2002), Duarte e Lopes (2002), Cavalcante e Duarte (2009) mostram que a presença da preposição também favorece o aparecimento do SE no PB e no PE contemporâneos.

Os resultados referentes à presença de SE com relação ao tipo de oração infinitiva estão relacionados, de certo modo, aos resultados do PB e do PE: como se pode ver, as orações regidas por preposição favorecem a presença de se junto ao infinitivo. Isso pode estar relacionado ao que Raposo (1987) propõe para as sentenças infinitivas: Raposo (1987) argumenta que a posição sujeito de infinitivo deve ser

licenciada por Agr não finito; Agr não-finito, entretanto, deve ser ele mesmo marcado com Caso. Isso se deve à presença de um atribuidor de Caso ao Comp da oração infinitiva. No caso aqui estudado – a presença de SE junto ao infinitivo – podemos dizer que para o SE aparecer numa sentença infinitiva deve ser licenciado por Agr não-finito, consoante com as propostas de Cinque (1988), Raposo (1992) e Brito (1995). A preposição seria, portanto, um elemento que pudesse atribuir Caso à sentença infinitiva fazendo com que Agr possa legitimar uma posição sujeito de infinitivo.

Esse fator, entretanto, não é suficiente para explicarmos a diferença que existe entre o PCl e o PE de um lado, e o PE e o PB de outro. Por isso, devemos considerar dois outros fatores relacionados ao tipo de SE que pode aparecer nas infinitivas: a presença de um agente da passiva e a realização do argumento interno nas construções com SE.

Foram encontradas duas ocorrências do agente da passiva em construções infinitivas com SE, contrariando a afirmação de Naro (1976), retomada por Nunes (1990) e por Martins (2003), de que o agente da passiva aparece em Português somente até o século 16, como mostram os exemplos em (3) a seguir: uma de Manuel da Costa (n. 1601) e outra no de André de Barros (n.1675):

(3) a. E que esta ley seja justa, prova-se da ley natural; porque não ha couza mais natural, que **governarem-se** as cômunidades por seus naturais, que lhes sabem os costumes, e inclinaçoens (M. da Costa, n. 1601, III).

b. Voltando depois os Padres com o seu exército de Topinambazes, trouxeram dos Guarajus um só Principal, como penhor da sua fidelidade; e como era preciso fazer primeiro mantimentos para tanta gente, ficaram estes Índios reservados para o ano seguinte; vendo-se nesta pescaria de homens **romperem-se** as redes pela multidão, como na pescaria dos peixes de São Pedro; sendo o sucesso da lagoa de Genezareth figura do rio dos Tocantins (André de Barros, n. 1675, IV).

Passando à posição do argumento interno, saber se ele pode

aparecer anteposto ao verbo infinitivo é uma condição necessária para avaliar se se trata de uma construção com se-passivo ou com se-indefinido, pois nas sentenças infinitivas só está disponível uma posição pré-verbal, a de sujeito (RAPOSO; URIAGEREKA, 1996).

O Quadro 2, a seguir, traz a distribuição dos dados considerando a realização do argumento interno das construções com SE no Corpus Tycho Brahe.

	1501- 1550	1551- 1600	1601- 1650	1651- 1700	1701- 1750	1751- 1800	1801- 1850
Nulo	2 – 0.33	5 – 0.13	30 – 0.27	5 – 0.14	17 – 0.28	2 – 0.12	1 – 0.25
posposto	4 – 0.67	31 – 0.84	71 – 0.64	29 – 0.80	37 – 0.62	12 – 0.71	2 – 0.50
anteposto	–	–	1 – 0.01	1 – 0.03	–	–	–
relativizado	–	–	5 – 0.05	1 – 0.03	1 – 0.02	–	1 – 0.25
topicalizado	–	1 – 0.03	3 – 0.03	–	5 – 0.08	3 – 0.17	–
Total	6 – 1.00	37 – 1.00	110 – 1.00	36 – 1.00	60 – 1.00	17 – 1.00	4 – 1.00

Quadro 2: Realização do argumento interno nas construções com SE no CTB

A posição canônica para o aparecimento do DP argumento interno é posposta ao verbo: em todos os períodos, na maioria dos dados com SE o argumento interno aparece posposto – de 269 ocorrências, 185 (69%) apresentaram o DP posposto ao verbo, como mostram os exemplos em (4) a seguir.

- (4) a. Era chegada neste tempo ordem e mandato de Sua Santidade que no votar dos prelados iguais em dignidade se tomasse a preferência da antiguidade em promoção de cada um, sem respeito de primacias, por evitar as dúvidas que ali e em Roma se tinham levantado por parte dos embaxadores e prelados castelhanos, sintidos do prejuízo que fazia à Cadeira toledana o favor que Sua Santidade, antes de **se abrir o Concílio**, fizera ao Bracarense, ... (L. de Sousa, n. 1556, II).
- b. Christo Senhor nosso deu hoje signaes para **se conhecer** ao longe o dia do Juiso: bem será que saibamos nós também algum signal por onde possamos conhecer o logar que n'elle havemos de ter, e que seja hoje, pois o nosso Juiso está mais perto (Vieira, Sermões, n. 1608, III).

O segundo caso é do argumento interno nulo (com um total de 62 ocorrências, 23%). Isso revela que a retomada do argumento interno na sentença infinitiva com SE não é feita por meio do clítico acusativo. De fato, na presença de um clítico acusativo, não há o *se* junto ao infinitivo – o que corrobora os resultados de Cavalcante (1999) e Duarte (2002). No exemplo (5a) a seguir, um exemplo de argumento interno nulo, o DP “Cartas ânuas” não foi retomado por um clítico acusativo. Por outro lado, no exemplo (5b), em que o DP foi retomado pelo clítico acusativo, não aparece o SE:

(5) a. Pouco tinha sobre os 17 anos, quando os Superiores lhe ordenaram escrevesse na língua Latina as Cartas ânuas, para **se mandarem** a Roma. (André de Barros, n. 1675, IV).

b. Também pretendo que na nossa terra é dificultoso **aprender-se uma boa educação regular e completa**, porque, para **a ensinar**, é necessário **aprendê-la** na própria experiência, estudando à sua custa a necessidade de se conformar com as leis da sociedade com que institutivamente deve viver o homem. (J. Cunha Brochado, n. 1651, IV).

Os casos menos frequentes – DP anteposto, topicalizado ou relativizado – são apresentados a seguir. Só houve duas ocorrências (1%) de argumento interno anteposto ao verbo, como vemos em (6). Já os DPs topicalizado e relativizados apareceram com uma frequência maior. De um total de 271 ocorrências de sentenças infinitivas com SE, 12 (4%) apresentaram o argumento interno topicalizado e 8 (3%) apresentaram o DP relativizado, como vemos com os exemplos (7) e (8), respectivamente.

(6) a. Já escrevi a Vossa Excelência que para o preço dos navios se fazer é necessário vir primeiro o dinheiro, e isto mesmo me tornou a escrever hoje Jerónimo Nunes, acrescentando que é necessário apressarmo-nos, porque há muitos compradores; e eu irei a Amsterdam esta semana para ver se o posso reduzir a que compremos (Vieira, Cartas, n. 1608, III).

b. Além disto discorreu nas conveniências ainda temporais, que no papel se sugeriam, e os meios para **elas se conseguirem**: exposto tudo com tão alta compreensão, miudeza, distinção, e clareza, que

aqueles juízos, até ali tão contrários, deram as mãos convencidos (André de Barros, n. 1675, IV).

- (7) a. ... a esta companhia serão admitidos os franceses, do mesmo modo que os portugueses, não para poderem navegar de Franca à Índia, que isto não convém **permitir-se**, mas para com seus cabedais, e ainda alguns com as pessoas, comerciarem de Lisboa para a Índia, e da Índia para Lisboa ... (Vieira, Cartas, n. 1608, III).

b. (e é cousa digna de **se ler** com muita atenção e como obra prodigiosa em um príncipe da Igreja) ... (L. de Sousa, n. 1556, II)

- (8) a. Porém, se Vossa Mercê descobrir algum meio para **se alcançar** sem esta limitação, faça-me mercê de me avisar, e para tudo o que se oferecer do seu serviço não hei-de faltar, como tão obrigado a êste favor. (J. Cunha Brochado, n. 1651, IV)

b. Daqui vem que é erro pôr nas Gramáticas: Modo Optativo, Conjuntivo, Potencial, Permissivo; porque, por este estilo, podem-se acrescentar muitos outros modos, sendo certo que, ajuntando-lhe novas partículas, nascem diferentes modos de **se explicar**. (Antonio Verney, n. 1713, V)

Os dados do *Corpus Tycho Brahe* apresentam duas características: (1) presença de se com infinitivo já no século 16 e (2) os contextos que favorecem a sua presença – como a regência por preposição, a presença de um agente da passiva e a posição do argumento interno em relação ao verbo infinitivo. A presença de agente da passiva e a posição do argumento interno com relação ao verbo são fatores responsáveis para considerar o estatuto do SE que aparece junto ao infinitivo, conforme veremos na seção 2.

Os dados aqui analisados também revelaram duas outras diferenças que podem ser devido a diferentes gramáticas. No PE e nos dados do *Corpus Tycho Brahe* a presença de SE com infinitivo parece estar relacionada à natureza do tipo de SE envolvido. As evidências se acham na presença do agente da passiva, na posição do argumento interno com relação ao verbo e no tipo de verbo. Ao contrário do que afirma Nunes (1990), o se aparece junto ao infinitivo desde o século 16, e sua frequência vai diminuindo

até o século 19, na amostra de Portugal. Na seção 2, veremos que isso se relaciona ao tipo de se: até 1700 temos o se-passivo nas sentenças infinitivas; após 1700 temos o se-indefinido e o se-impessoal.

3 “O Português são três”

Nesta seção, procuro apresentar uma abordagem teórica para as diferenças de uso de se no PE e no PB de um lado, e no PCI e no PE, de outro. Para tanto, argumento que as diferenças encontradas se devem (a) à natureza do se: passivo, indefinido e impessoal e (b) à natureza de Agr não finito. A associação desses dois fatores nos leva a postular a existência de três gramáticas distintas: a do PCI, a do PE e a do PB, que, por suas características, produzem diferentes tipos de SE:

G1: Português Clássico: se-passivo

G2: Português Europeu: se-indefinido e se-impessoal

G3: Português Brasileiro: se-impessoal

Na seção 3.1, apresento o SE nas três variedades do português com base em resultados de pesquisas anteriores e também os resultados apresentados em 2, bem como os tipos de se envolvidos. Na seção 3.2, discuto a relação entre a mudança de se e a mudança sintática, principalmente no que tange à mudança que ocorreu do PCI ao PE e no PB. Finalmente, na seção 3.3, abordo a questão do tipo de variação envolvida nas construções com se: (a) a variação se/x e (b) a variação entre gramáticas distintas. No que se refere à variação se/x, argumento que no PCI, as sentenças de se com infinitivo variam com as sentenças passivas, pois se trata de um se-passivo; no PE, há variação entre se e PRO na posição sujeito de infinitivo, e, no PB, há variação entre **se**, **a gente**, **você** e **pro** na posição sujeito de infinitivo. Com relação à variação gramatical, argumento que no PE a variação entre se-indefinido e se-impessoal é produzida por uma mesma gramática, ao passo que no PB se trata de gramáticas distintas.

3.1 O se nas três gramáticas do Português

Nesta seção, vamos relacionar os padrões quantitativos do comportamento das construções com SE à natureza do SE e à natureza de Agr não finito. PB, PE e Português Clássico apresentam diferenças significantes com relação ao uso de se com infinitivo, principalmente quanto a dois fatores: (1) a frequência de uso e (2) os contextos onde ele aparece.

Com relação à frequência de se com infinitivo, os resultados mostram que existe uma diferença percentual de uso de SE com infinitivo significativa entre PB e PE de um lado, e entre os autores nascidos em Portugal antes 1700 e os nascidos depois, de outro lado:

- Nos autores nascidos até o fim do século 17 a frequência de uso de se com infinitivo é em torno de 20%, a partir do século 18 essa frequência cai para em torno de 10% (cf. seção 2).
- O PE apresenta uma frequência de uso de se com infinitivo em torno de 10% para fala e para a escrita (cf. CAVALCANTE, 2006; CAVALCANTE; DUARTE, 2009).
- O PB apresenta em torno de 50% de presença de se com infinitivo para a escrita e 20% para a fala, distribuídos em diferentes tipos de verbo, além do aparecimento de formas pronominais como a gente e você com referência indeterminada na posição sujeito das infinitivas (cf. CAVALCANTE, 1999, 2006; CAVALCANTE; DUARTE, 2009).
- Os dados diacrônicos do PB mostram uma certa variação da frequência de se nas infinitivas em corpora de textos de jornais dos séculos 19 e 20: Cavalcante (1999), em editoriais, artigos de opinião e crônicas observa uma média de 24% de presença de se nos jornais do século 19 e 13% de presença de se nos jornais do século 20; Duarte (2002), em anúncios de jornais do século 19, observa uma média de 32% para presença de se; e, Duarte e Lopes (2002), em cartas de leitores e redatores, observam uma frequência de 27% em média para a presença de se.

Outra diferença existente entre essas três amostras é com relação aos contextos sintáticos em que pode aparecer o SE junto ao infinitivo.

Em relação ao tipo de verbo infinitivo que permite o SE, foi constatada uma diferença entre PE e PCI de um lado e PB de outro: nos dados do *Corpus Tycho Brabe*, e nos dados do PE contemporâneo, tanto falado quanto escrito, só foram atestados casos de SE junto a verbos transitivos no infinitivo. Nos dados do PB, por outro lado, encontramos SE junto a outros tipos de verbos além dos transitivos, como vemos com os exemplos em (9). Desses, destaco o exemplo (9c), encontrado na amostra de Duarte e Lopes (2002), em que há presença de se com verbo ser.

- (9) a. Não devemos perder a esperança de transformar o nosso país num lugar digno de **se viver**.
b. Nova Iorque é uma cidade fácil de **se andar**.
c. é preciso **ser-se** muito injusto para **dizer-se** o que acabo de ler ...
(Gazeta Medica do Rio de Janeiro, 01/01/1864)

Associado ao tipo de verbo nas construções com SE, está o tipo de SE envolvido: passivo, indefinido ou impessoal. Geralmente, na literatura gerativa, se associa a construção de SE com verbo transitivo que exhibe concordância com seu argumento interno (“vendem-se casas”) a um SE-passivo. A construção sem concordância (“vende-se casas”) é considerada como um caso de SE nominativo, indeterminador ou impessoal. Naro (1976), analisando as construções com se em sentenças finitas, mostra que nas construções de passiva com SE, a expressão do agente da passiva como um sintagma preposicionado era possível até o século 16; após esta data, segundo ele, nas construções passivas com SE a expressão do agente da passiva não é mais possível.

Martins (2003) associa este fato – a impossibilidade de aparecer um agente da passiva como um PP – a uma mudança que tenha ocorrido com o SE no Português. Seguindo a proposta de Raposo e Uriagereka (1996), Martins (2003) afirma que nas sentenças finitas no PE ocorreu uma mudança de SE-passivo para SE-indefinido, justamente por não ser mais possível a expressão do argumento externo do verbo como um PP agente da passiva. Assim, o diagnóstico do SE-passivo vai além da concordância entre o DP argumento interno e o verbo: esse DP pode

ocupar a posição de sujeito (é uma construção passiva) e o argumento externo pode aparecer como um sintagma preposicionado. Neste trabalho, associo as análises de Raposo e Uriagereka (1996) e de Martins (2003) do SE nas sentenças finitas ao SE que aparece junto ao infinitivo.

No *Corpus Tycho Brahe*, encontramos duas ocorrências, em autores nascidos no século 17, de presença do argumento externo como um sintagma preposicionado numa construção de se com infinitivo.

Um outro diagnóstico para o SE-passivo é a possibilidade de o DP argumento interno aparecer numa posição pré-verbal nas sentenças infinitivas. Raposo e Uriagereka (1996) argumentam que no PE nas sentenças finitas não existe o SE-passivo, mas sim o SE-indefinido: mesmo havendo concordância entre o verbo transitivo e o argumento interno plural, este DP argumento interno, quando anteposto ao verbo, não ocupa a posição de sujeito [Spec,T], mas sim uma posição mais alta, à esquerda da posição de sujeito. O SE é o elemento que ocupa [Spec,T].

A evidência que Raposo e Uriagereka (1996) apresentam para diagnosticar que o DP argumento interno quando anteposto ao verbo não ocupa a posição de sujeito está nas sentenças infinitivas: nas sentenças infinitivas só existe uma posição à esquerda do verbo que pode ser ocupada por um sujeito – ativo ou passivo –, mas não por um DP argumento interno de uma construção com SE. No PE, um sujeito da passiva pode aparecer anteposto numa sentença infinitiva, mas uma construção de SE nas infinitivas não permite anteposição do seu DP argumento interno. Na amostra do PCI, foram encontradas duas ocorrências de anteposição do argumento interno na construção de SE com infinitivo, o que pode indicar, segundo os diagnósticos de Raposo e Uriagereka (1996), que estamos diante de duas construções passivas.

Desse modo, vemos que apesar de compartilhar com a construção com SE-passivo a concordância entre o DP argumento interno plural e o verbo, a construção com SE-indefinido apresenta algumas diferenças: (1) a anteposição do DP argumento interno só é possível nas sentenças finitas, onde há uma posição à esquerda da posição do sujeito disponível para esse DP e (2) o agente da passiva não pode ser expresso por um

PP. O DP argumento interno é realizado majoritariamente posposto ao verbo. Os outros casos em que ele não aparece posposto ao verbo, é realizado como nulo, ou na sentença mais alta, como vemos nas construções do tipo “é difícil de” e nas de topicalização.

Diante deste fato, faz-se necessário observar como se comporta a posição sujeito das infinitivas, pelo menos com sujeitos pronominais. Foram encontradas 56 ocorrências de sujeito pronominal anteposto ao verbo não finito no Corpus Tycho Brahe. Esses dados indicam que nas sentenças infinitivas existe uma posição sujeito disponível:

(10) a. A tenção do Xá Ismael mandar êste filho nesta jornada, foi de êle ficar na Cidade de Cahandar, e fazê-lo Rei daquela parte, porque tinha muitos filhos, e queria acomodar êste. (D. Couto, n. 1542)

b. Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração : Vossa Excelência estará pasmado a estas horas da sem-cerimónia da minha última carta, mas minha Mãe é que teve a culpa de ela ir assim. (Marquesa de Alorna, n. 1750)

Os exemplos em (10) nos levam à segunda questão relacionada às diferenças entre Pcl, PE e PB sobre o uso de *se* com infinitivo, qual seja a natureza de Agr não finito. Advoga-se que no PB, devido à mudança ocorrida no seu sistema flexional, Agr possui um traço de [pessoa] defectivo (MOREIRA DA SILVA, 1983; GALVES, 1993; FIGUEIREDO SILVA, 1996, entre outros).

Considerando que Agr não finito no PB compartilha de propriedades de Agr finito, como por exemplo, o traço [pessoa] defectivo, podemos dizer que Agr licencia uma posição de sujeito, mas não é capaz de identificar o seu conteúdo referencial. Por isso, se observam altos índices de preenchimento de sujeito nas sentenças finitas (cf. DUARTE 1995, 2000) e também se observa o preenchimento da posição de sujeito de infinitivo, inclusive com formas pronominais arbitrárias. Isso não ocorre nem no PE tampouco no PCl, pois examinando a presença de pronome na posição sujeito de infinitivo, verifiquei que o pronome só aparece como forma de desambiguar a interpretação do sujeito

quando havia mais de um referente disponível, como nos exemplos em (10) acima e no exemplo (11) a seguir do PE:

(11) portanto acho que, por(...) procurando um emprego base e isso como suplemento (es)tava bem, que já dava para vocês **comprarem** algumas mobílias, que eles têm mobílias e têm coisas e têm os pais que dão as mobílias e mais não sei quê, tal (PE, M1).

No PB, ao contrário, ocorre o preenchimento do sujeito por um pronome de referência arbitrária, como **a gente** e **você**, além do **se**, tanto na fala, como vemos em (12), como na escrita, como vemos nos exemplos em (13) a seguir:

(12) a. Nova York é uma cidade fácil de **se passear** de **se andar**. (Nurc/RJ)
 b. o Rio de Janeiro é uma cidade adorável pra **você bater** perna né (Nurc/RJ).
 c. na maré baixa não dá pra **entrar** e **você** pra **entrar**, e **você** na hora de **passar** na entrada da gruta (Nurc/RJ, 70, M3).

(13) a. é impossível **a gente não imaginar** como reagiria em situação semelhante.
 b. Quantos edifícios mais precisam cair para **a gente conhecer** os outros Sérgio's Nayas da Câmara?

A alternância **se/a gente/você** sugere que o SE desempenha no PB a mesma função do que os pronomes, ou seja, ele ocupa a posição de sujeito. Desse modo, como o SE está relacionado à posição de sujeito, podemos dizer que no PB há o se-impessoal.

Podemos considerar, então, que Agr não finito no PE é capaz de interpretar o referente do sujeito nulo: ele pode ter uma interpretação arbitrária ou estar ligado ao seu antecedente.

O pronome só aparece para desambiguar a interpretação com um correferente. No PB, por outro lado, pela natureza defectiva do traço [pessoa] de Agr não finito, existe a tendência a atribuir sempre um referente ao sujeito de infinitivo ligado ao anterior. Daí, para se ter uma interpretação arbitrária, há a necessidade no PB do preenchimento

desta posição de sujeito com o se e também com formas pronominais como a gente e você.

Desse modo, esses resultados empíricos na realidade devem ser tomados como diagnóstico para depreendermos as diferenças gramaticais entre PCl e PE de um lado, e PE e PB modernos de outro. Na realidade, o interesse do trabalho não é somente ver a frequência de uso de se com infinitivo, mas sim, como as diferenças podem revelar as gramáticas subjacentes aos enunciados. Relacionando a posição do sujeito com o tipo de SE nas sentenças infinitivas, podemos propor a existência de três gramáticas distintas: G1, G2 e G3, representadas em (14), (15) e (16) a seguir:

(14) *G1: Português Clássico*

a. se-passivo: [DP] # [DP se=doVinf (PP)]

(15) *G2: Português Europeu*

a. se-indefinido: [DP] # [seCasoNulo Vinf *(PP)]

b. se-impessoal : [seNom Vinf DPAcc]

(16) *G3: Português Brasileiro*

a. se-impessoal : [seNom Vinf DPAcc]

b. pronomes arbitrários: [PronNom Vinf DPAcc]

A representação em (14) dá conta do se que existe no PCl: se-passivo; (15) mostra a mudança que ocorre do PCl para o PE e os dois tipos de se: indefinido e impessoal; finalmente (16) é a gramática do PB, em que o aparecimento de se junto ao infinitivo está relacionado ao aparecimento de outras formas pronominais na posição de sujeito, e por isso proponho ser o se-impessoal. Vejamos as diferenças entre os tipos de se considerados. Já nas construções com se-passivo, existem duas posições disponíveis para o DP argumento interno, além da posição pós-verbal: uma externa à sentença infinitiva e uma interna, a posição de sujeito pré-verbal. Além disso, o se-passivo se comporta como um morfema passivo; e o argumento externo do verbo pode se realizar como um sintagma preposicional. Já nas construções com se-

indefinido, só existem duas posições: uma posição pós-verbal e uma posição topicalizada disponível na sentença mais alta. Isso ocorre, pois o se-indefinido ocupa a posição de sujeito [Spec, Tinf] e checa Caso Nulo (RAPOSO; URIAGEREKA, 1996).

Nessa construção o argumento externo não pode vir realizado como um sintagma preposicionado. Finalmente, nas construções de se-impessoal, o se ocupa a posição de sujeito e checa Caso Nominativo, por conseguinte, o DP argumento interno checa Caso Acusativo, mesmo não sendo realizado como um clítico acusativo (cf. MARTINS, 2003). Naturalmente, não existe a possibilidade de aparecer um sintagma preposicionado como argumento externo, pois o se recebe o papel temático de argumento externo. Associado ao se-impessoal e a Agr com traço de [pessoa] defectivo, no PB a posição de sujeito pode ser ocupada por outros elementos que checam Nominativo, como as formas pronominais *a gente* e *voce*.

Como diz o título dessa Seção, o “Português são três”, as amostras que aqui foram analisadas se revelaram como diagnósticos para atestar três gramáticas distintas: uma do PCl, anterior ao século 18, uma do PE moderno após o século 18 e uma do PB moderno, vigente desde o século 19. O fenômeno aqui estudado na verdade são três peças que compõem os quebra-cabeças do PCl, do PE e do PB.

3.2 A mudança de SE e a mudança sintática

Como vimos na seção 3.1, a análise aqui proposta para as diferenças entre os tipos de SE se baseia na hipótese de que há gramáticas distintas que produzem distintos tipos de SE, o que significa, portanto, que o tipo de se está relacionado à sintaxe de uma língua. Nesta seção, procuro explicar, então, a relação existente entre a mudança do SE com a mudança sintática. Os resultados apresentados em 1 mostram que há uma diferença de frequência de SE nos dados dos autores nascidos até 1700 e nos dos nascidos após 1700. Esse padrão pode ser considerado reflexo de uma mudança paramétrica relacionada à posição de sujeito

que ocorre do século 17 para o 18⁴.

Segundo Galves e Paixão de Sousa (2005), houve uma mudança no PCI revelada pelo padrão de colocação pronominal: a variação próclise x ênclise nas sentenças finitas entre os séculos 16 e 19 ocorre devido a uma mudança que ocorreu na gramática do PCI para o PE com relação à posição de sujeito.

Segundo as autoras, até o início do século 18, não há uma posição pré-verbal específica para a posição de sujeito. Há duas posições disponíveis à esquerda do verbo, uma interna e outra externa à sentença, que podem ser ocupadas tanto por um sujeito como por um tópico. A partir do século 18, há uma posição de sujeito interna à sentença e uma posição de tópico externa. Desse modo, segundo esta análise, no PCI o sujeito pré-verbal ocupa uma posição-A', ao passo que no PE o sujeito pré-verbal ocupa uma posição-A. Paixão de Sousa (2004) também relaciona a colocação pronominal com a posição do sujeito no PCI para o PE moderno quando observa uma relação entre a distribuição de próclise e ênclise com relação à posição do sujeito. Segundo Paixão de Sousa (2004), o PCI tem uma posição pré-verbal interna à sentença que pode ser ocupada tanto por um sujeito quanto por um outro elemento frontado (um argumento, um adjunto). Quando essa posição é preenchida, ocorre a próclise. Ao contrário, quando o elemento ocupa a posição de sujeito externa à sentença, ocorre a ênclise. A evidência independente de Paixão de Sousa (2004) para essa estrutura é a posição dos sujeitos em relação ao verbo flexionado: no PCI a posição A do sujeito é pós-verbal.

Seguindo essa abordagem, considero que a mudança na posição do sujeito nas sentenças finitas tenha afetado a sintaxe do SE em Português da seguinte maneira: o se-passivo não ocupa a posição de sujeito, ao passo que o se-impessoal e o se-indefinido ocupam a posição de sujeito. Assim, no PCI, como não há uma posição de sujeito pré-verbal disponível, só pode haver o se-passivo. Quando ocorre a mudança na

⁴ De fato, pesquisas sobre fenômenos aparentemente não relacionados que foram realizadas com base no *Corpus Tycho Brahe* revelam o século 18 como o ponto de mudança: cf. Galves, Britto, e Paixão de Sousa (2005) para a colocação pronominal em sentenças finitas; Gibrail (2003), para o uso do acusativo preposicionado; Paixão de Sousa (2004) para a relação entre a colocação pronominal e a posição do sujeito nas sentenças finitas, e Magalhães (2002) e Floripi (2005) para o uso do artigo diante de possessivo.

posição de sujeito, é possível aparecer tanto o se-indefinido quanto o se-impessoal, pois existe uma posição de sujeito disponível para eles. A estrutura fica, então, assim:

- (17) Português Clássico
 a. [XP/Suj] # [XP/Suj V]
 b. [DP] # [DP Vse]

- (18) Português Europeu
 a. [XP] # [Suj V]
 b. [DP] # [SE V DP]

A estrutura em (17) dá conta das posições disponíveis para o sujeito no PCI: (17a) mostra que existe uma posição interna à sentença destinada tanto ao sujeito como a um outro elemento topicalizado. Assim, é possível, como mostra (17b) haver o se-passivo: o DP argumento interno pode ocupar tanto a posição externa à sentença como a posição interna à sentença. O se-passivo, como o morfema da passiva, está associado à flexão.

Com a mudança que ocorreu do PCI ao PE, em que existe uma posição de sujeito interna à sentença, como mostra (18a), o se-indefinido pode ocorrer, uma vez que ele ocupa a posição de sujeito. A representação em (18b) mostra que o DP argumento interno não pode mais ocupar a posição de sujeito, mas somente uma posição externa à sentença. A mudança, portanto, entre o tipo de se que pode aparecer no PCI e no PE está relacionada à mudança na posição de sujeito. Podemos concluir que o padrão do SE com infinitivo revela a influência desta mudança: acredito que nos textos de autores nascidos até fins do século 17 temos o se-passivo, e a partir dos textos de autores nascidos no século 18, pode aparecer tanto o se-indefinido, como o se-impessoal, que ocupam a posição de sujeito.

3.3 O lugar da variação

Nesta seção, procuro discutir os dois tipos de variação que estão

envolvidos nessas três gramáticas: (a) a variação entre SE e um outro elemento e (b) a variação entre gramáticas. Dado que estamos diante de três gramáticas distintas, que por sua característica, produzem três tipos de SE distintos, em cada uma delas o *se* vai variar com elementos diferentes.

Com relação ao Português Clássico, podemos considerar que o *se*-passivo, por *se* comportar como um morfema de passiva, está em variação, na realidade com sentenças passivas. Logicamente que esta conclusão só foi alcançada depois de analisar cerca de 1500 ocorrências de sentenças infinitivas do Corpus Tycho Brahe. Desse modo, não entraram na contagem as sentenças passivas, o que pode ficar para a continuação da pesquisa.

Associando a representação em (15), com a natureza de Agr no PE, podemos dizer que no PE o SE, tanto indefinido quanto impessoal está em variação com PRO. Isso devido à existência, no PE, de dois tipos de infinitivo: (a) o Infinitivo Flexionado, que possui Agr, e (b) o Infinitivo não Flexionado, que se comporta como o infinitivo de outras línguas românicas. Assim, o SE está associado ao Infinitivo Flexionado, ao passo que PRO está associado ao Infinitivo não Flexionado. Dadas as características de Agr não finito no PE, podemos dizer que o SE vai aparecer no PE como uma estratégia para desambiguar o conteúdo referencial do sujeito, tal como aparecem os pronomes com referência determinada. Como se trata de uma língua de sujeito nulo, o Princípio “Evite Pronome” está ativo, e, temos, portanto, uma frequência maior de sujeitos nulos arbitrários do que de SE, é o que ocorre nos dados do Corpus Tycho Brahe.

No PB, por outro lado, dadas as características de Agr defectivo, que licencia uma posição de sujeito, mas não é capaz de interpretar o referente dessa posição, podemos ter tanto *pro* como *se*, *a gente* e *voce*, no caso de sujeitos arbitrários. Isso explica os altos índices de sujeito preenchido nas sentenças infinitivas. Podemos concluir, então, que os dados espelham a natureza distinta da posição de sujeito no PE e no PB.

Passemos ao outro ponto de discussão nesta seção, qual seja, a variação numa mesma gramática e em gramáticas distintas. Olhando

para os dados tanto do PE como do PB, observamos nas construções com SE variação entre concordância e não concordância entre o verbo transitivo e seu argumento interno plural. Os casos de concordância no PB podem indicar, portanto, que temos no PB o se-indefinido, mas não é essa a análise que proponho. Afirmo que a gramática do PE permite tanto se-indefinido como se-impessoal. Por outro lado, no PB, segundo a configuração em (16) acima, só há possibilidade para ocorrer o se-impessoal, ou seja, a construção com se que não exhibe concordância entre o verbo transitivo e seu argumento interno plural.

Como explicar, portanto, a variação que se observa em textos de autores brasileiros entre concordância e não concordância entre o verbo transitivo e seu argumento interno plural das construções com SE?

Numa gramática como o PE, que tem Agr forte, podemos encontrar tanto o se-indefinido como o se-impessoal. Os dados de concordância que aparecem em textos de autores brasileiros parecem entrar em contradição com uma gramática que tem um Agr fraco. De fato, numa gramática com Agr fraco, como é o caso assumido para o PB, devemos encontrar ocorrências de se-impessoal, e também casos de sujeito nulo de 3ª. pessoa do singular com referência arbitrária, como vemos em (19) a seguir, de Cavalcante (1999):

- (19) a. E como já se presumia tendências à medida insólita, não foi difícil encontrar a porta de salvação ao estender a reeleição, que não podia ser um privilégio exclusivo do atual ocupante do palácio presidencial (071,O,V).
- b. Em situações como estas, pode-se aplicar metodologias de antecipação do cenário eleitoral (125,O,V).
- c. Diz que vão inaugurar um restaurante em frente ao R9 do Ronaldinho. Vai se chamar Amarelô (304,C,V).
- d. O que fez a diferença foi harmonia e evolução, os princípios básicos de um desfile de escolas de samba. Não pode deixar buraco, não pode sair correndo para cumprir o tempo, não pode parar para deixar o relógio correr. Tem que evoluir. Todo mundo

tem que cantar o samba, uma ala não pode se misturar à outra, não pode atravessar o samba. Tem que ter harmonia (Coluna do Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 19, fev, 1999).

Essa aparente contradição se resolve se considerarmos que a variação que encontramos entre concordância e não concordância em textos brasileiros está relacionada a duas gramáticas distintas. Daí podemos entender porque algumas sentenças com concordância ainda têm aceitabilidade no PB, como a clássica “Alugam-se casas”. Esta questão está relacionada ao que Galves (2001) chama de “competência gramatical” e “competência linguística”. A “competência gramatical” corresponde ao fato de os enunciados gramaticais, que são gerados pela gramática do PB, terem uma aceitabilidade gramatical. Já a “competência linguística” corresponde ao fato de os falantes poderem aceitar enunciados que não são necessariamente gerados pela sua gramática, mas são reconhecidos pelos seus saberes linguísticos. No entanto, soam estranhas as sentenças como (20), em que o DP argumento interno plural vem anteposto ao verbo: além de não serem geradas pela gramática do PB, têm aceitabilidade menor, devido aos saberes linguísticos dos falantes. É natural no PB a ordem SVO e não OV, por isso, não temos a interpretação indefinida da construção com SE com anteposição do DP argumento interno – objeto – e concordância entre verbo e seu argumento. Ocorre, neste caso, mais naturalmente uma interpretação reflexiva.

- (20) a. Aqui se vendem casacos de lã.
b. Nesta escola se doam lindos filhotes de poodle.
c. ? Aqui casacos de lã se vendem.
d. ? Nesta escola, lindos filhotes de poodle se doam.

Essa alternância gramatical/agramatical não parece ocorrer nas outras línguas românicas, como o PE, o Espanhol e o Italiano. Ao contrário, o predicado genérico é associado ao se-médio e o predicado episódico é associado ao se-passivo, mas o traço “indefinido” intrínseco ao se permanece, ao passo que no PB só resta a interpretação reflexiva/recíproca. Podemos, portanto, considerar que este tipo de variação

observada em corpora de autores brasileiros está relacionada ao que Kroch (1989) chama de “competição de gramáticas”: a gramática brasileira produz enunciados de se-impessoal, mas os falantes, na produção, se utilizam de seus “saberes linguísticos” que são espelhados numa outra gramática. Desse modo, podemos concluir que as construções com SE que exibem concordância entre o verbo e seu argumento interno no plural, nos textos brasileiros, estão relacionadas a uma outra gramática, a gramática em que os falantes cultos se espelham.

A proposta de analisar as diferenças entre PCl, PE e PB acerca das construções de se com infinitivo está relacionada a uma questão de diferenças de gramáticas: o tipo de se que vai aparecer numa determinada língua está relacionado à sintaxe desta língua. A mudança que ocorre do PCl ao PE – posição de sujeito – faz mudar o tipo de se que pode aparecer: antes o se-passivo, depois o se-indefinido e se-impessoal.

Assim podemos dizer que muda o tipo de se porque muda a sintaxe. Essa relação estreita se/gramática também é encontrada no PB: a mudança que ocorre no seu sistema flexional – o enfraquecimento de Agr no traço [pessoa] – faz com que o se que aparece seja mais uma forma de preenchimento do sujeito. No PB, a tendência ao preenchimento do sujeito pronominal ocorre tanto com sujeitos de referência definida como arbitrária, em sentenças finitas e infinitivas.

5 Considerações Finais

Os resultados aqui apresentados, apesar de espelharem mudanças já atestadas, ainda carecem de novos dados. Vimos que existem dois tipos de variação entre se e um outro elemento: no PCl afirmo que o se está em variação, de fato, com as construções passivas, dada a natureza do se-passivo. No PE afirmo que o se está em variação com PRO, dada a existência de dois tipos de infinitivo no PE: o Flexionado e o não Flexionado.

Desse modo, uma continuação desta pesquisa vai na direção de observar tanto as passivas infinitivas como também o sujeito de infinitivo,

principalmente no Corpus Tycho Brahe.

Finalmente, considero aqui a importância das pesquisas baseadas em corpora para elaborar hipóteses sobre as línguas e sobre as mudanças que ocorrem. Como vimos com os trabalhos que têm sido desenvolvidos com base no Corpus Tycho Brahe, fenômenos distintos parecem sofrer mudança numa mesma data: o início do século 18. Assim, podemos dizer que as mudanças nesses fenômenos distintos podem estar associadas a uma única mudança que ocorreu do PCI ao PE. De fato, isso é observado com a associação da mudança do tipo de SE com a mudança que ocorre na sintaxe do português.

REFERÊNCIAS

BRITO, A. M. Algumas propriedades sintáticas do português no quadro das línguas românicas: sujeito nulo, infinitivo flexionado e clíticos nominativos. **Lusorama**, n. 27, p. 17-27, 1995.

CAVALCANTE, S. R. de O. **A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CAVALCANTE, S. R. de O. **O uso de SE com infinitivo na história do português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro modernos**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CAVALCANTE, S. R. O. ; DUARTE, M. E. L. . Sujeitos de referência arbitrária em sentenças infinitivas do português e o parâmetro do sujeito nulo. In: **XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Seleccionados**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2009. p. 185-197.

CINQUE, G. On si constructions and the theory of arb. **Linguistic Inquiry** v. 19, p. 521-581, 1988.

DUARTE, M. E. L. **A Perda do Princípio ‘Evite Pronome’ no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese. In KATO, M.; NEGRÃO, E. (ed) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

DUARTE, M. E. L. Construções com se apassivador e indeterminador. In Alkmim, T. (ed). **Para a História do Português Brasileiro: Novos Estudos**, volume III. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 155-176.

DUARTE, M. E. L. O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. **Revista do GEL (Araraquara)**, v. 5, p. 9-30, 2008.

DUARTE, M. E. L., e LOPES, C. R. dos S. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX. In: **Notícias de corpora e outros estudos, volume IV de Para a história do Português Brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS, FAPERJ, 2002. p. 155-165.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro**. Série Pesquisas. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FLORUPI, S. A. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GALVES, C. M. C. A sintaxe do português brasileiro. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura - Ensaios de Linguística**. v. 13, p. 31-48, 1987.

GALVES, C. M. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (Org.). **Português Brasileiro uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 387-408.

GALVES, C. M. C. **Ensaios sobre as gramáticas do português**. Campinas, UNICAMP, 2001.

GALVES, C. M. C. BRITTO, H. S., PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic Placement: from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**. v. 4, p. 39-67, 2005.

GALVES, C. M. C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Clitic-placement

and the position of subjects in the History of European Portuguese. In: GEERTS, T.; van Ginneken, I.; JACOBS, H. (Org.). **Romance Languages and Linguistic Theory: selected papers from Going Romance 2003**. Amsterdã: John Benjamins, 2005. p. 93-107.

GIBRAIL, A. V. B. **O acusativo preposicionado no Português Clássico: uma abordagem diacrônica e teórica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. **Language Variation and Change**. v. 1, p. 199-244, 1989.

MAGALHÃES, T. M. V. O Uso de Artigo Definido diante de Pronome Possessivo em Textos Portugueses do Século XVI a XIX. **Estudos do Português: contribuições para história do Português Brasileiro** (no prelo). Maceió: Edufal, 2009.

MARTINS, A. M. Construções com se: mudança e variação no português europeu. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.) **Razões e Emoções: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus**, v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. p. 163-178.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MOREIRA DA SILVA, S. **Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil**. Thèse (Doctorat em Linguistique) - Département de Linguistique Générale, Université de Paris VIII, 1983.

NARO, A. J. The genesis of reflexive impersonal in Portuguese. **Language**. v. 52, p. 779-810, 1976.

NUNES, J. **O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica do se apassivador e indeterminador**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 2004.

RAPOSO, E. Case Theory and INFL-to-COMP: The Inflected Infinitive in European Portuguese. **Linguistic Inquiry**, v. 18, p. 85-109, 1987.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.

RAPOSO, E.; URIAGEREKA, J. Indefinite SE. **Natural Language and Linguistic Theory**. v. 14, p. 749-810, 1996.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em março de 2010

SOBRE A AUTORA

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2006), com a Tese “O uso de se com infinitivo na história do português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos”. É membro do Grupo de Pesquisa Para uma História do Português Brasileiro: 500 anos de Língua Portuguesa (PHPB-Rio, UFRJ/CNPq) e do Grupo Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística (UNICAMP/ CNPq). Atualmente é professora Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: mudança linguística, linguística histórica, sistema pronominal, sintaxe comparada.
E-mail: silviare@gmail.com